

# FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO: INFLUÊNCIAS INTERNAS E EXTERNAS NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES

**Leonel Jorge Ribeiro Nunes**

Instituto Superior de Estudos Interculturais e Transdisciplinares (Portugal)

## A SOCIEDADE E SUA VELOCIDADE

Vivemos um momento caracterizado pela velocidade das mudanças. Mal conseguimos acomodar uma transformação, já surge outra gerando a desestabilização. «Certamente nunca antes as mudanças das técnicas, da economia e dos costumes foram tão rápidas e desestabilizantes» (Lévy, 1996).

A sociedade de hoje em oposição a um estado estático e estável mostra-se densa, complexa, em movimento e mutação, transparecendo as suas modificações em todos os sectores da vida do indivíduo marginalizando aqueles que não acompanham o movimento. A crescente invasão tecnológica no campo cultural, económico, social e científico, colabora intensivamente na geração de uma profusão de universos que se misturam em múltiplas variações.

Uma pluralidade de tempos e espaços que não respeitam o espaço geográfico e o tempo cronológico surgem questionando a uniformidade e a fixidez. O sistema de transporte e de comunicação aproxima e conecta os indivíduos, modificando o estado anterior das coisas, num processo dinâmico de aceleração da comunicação e da mobilidade física. Os limites e fronteiras entre os territórios tornam-se flexíveis e permeáveis, propiciando a passagem do interior para o exterior e vice-versa. Ou se pensarmos no trabalhador clássico que antigamente tinha o seu espaço físico delimitado dentro da empresa, em comparação com o empregado de hoje que pode desempenhar muitas das actividades em sua própria casa. A evolução das técnicas torna possível o estar aqui e lá ao mesmo tempo. Os equipamentos médicos tornam aparente e visível o interior do nosso corpo e criam próteses misturando corpo com artefactos. A técnica produzida pelas ciências transforma a sociedade, e por seu lado, a sociedade tecnológica modifica a ciência e, assim, se mantém um ciclo contínuo e cada vez mais complexo e acelerado. A sociedade de hoje está distante da de ontem e estará distante da de amanhã.

Antigamente trabalhava-se com a dimensão do passado no presente, agora trabalha-se com a dimensão do futuro, com o prognóstico. Algumas empresas planeiam e produzem produtos que provavelmente serão consumidos pelos que virão depois ou para situações que ainda não existem. Então, a sociedade transformada e transformadora, projectada para um porvir, concebe instituições e indivíduos que reflectem esse modo de ser.

## AS MÚLTIPLAS CONFIGURAÇÕES DA ESCOLA

Ao olharmos para a escola de hoje, encontramos ainda um forte traço da sua origem assente na condição da estabilidade, conservação e reprodução. No seu surgimento, na sociedade grega, a escola significava um lugar colectivo para manter a unidade e a estabilidade, em oposição à diversidade de costumes que emergiam nas famílias, organizada como um corpo de doutrinas, leis e princípios, teria a finalidade de ordenar uma série de fenómenos, modos de vida e hábitos. Nasce, pois, a escola num tempo de sociedade. Uma sociedade que, para ser, existir e se organizar, necessita da escola.

A escola apresentou-se na sua origem como um local para a manutenção de uma disciplina e ordem, nascidas da necessidade da sociedade sobreviver e promover a sua integridade. Bryan (1996) sustenta que a sintonia que existe entre sistema de ensino e estrutura social não é obra do acaso, mas não foi sempre assim que a escola se apresentou, podendo-se apontar a reprodução dos mesmos métodos e conteúdos com o passar dos anos, como se o que tivesse sido bom para uma geração também o seria para a seguinte.

O que se espera da escola é que ela seja contemporânea da sociedade. Parece até que acompanha o cenário social e político da sua época, até por uma questão de sobrevivência. Não se vê com simplicidade a incorporação do ritmo das mudanças da sociedade pela escola, e nem se acredita que deixe de ser o que é para se tornar noutra, nela subsistindo o velho e o novo, o estático e o dinâmico.

A escola pode ser lida na sua complexidade e diversidade, não descartando a existência das várias faces. Uma multiplicidade de formas que historicamente se foram constituindo no tempo através do ser e fazer educacional.

Uma nova configuração da escola decorre da possibilidade dela se estender para outros locais virtuais, apresentando outros lugares e momentos para a ocorrência da aprendizagem, explorando a informação e o conhecimento. Outros espaços possíveis estão a tornar-se presentes no quotidiano da vida escolar e do indivíduo.

Encontramos informação e formação através das tecnologias de comunicação: televisão e computador, onde o indivíduo gasta grande parte do tempo envolvido numa interacção passiva ou activa, dependendo do veículo de mediação, intervindo na recepção das informações transmitidas. A Internet é um exemplo de meio eletrónico de comunicação que se tem apresentado como um braço da escola.

A escola pode ser observada como um corpo vivo ao dimensionar o processo de centralização e descentralização que acontece por efeito da inovação tecnológica no seu ambiente. Ela pode ser considerada como um centro de agregação do colectivo humano para a sistematização do conhecimento, através da convergência de acções estruturadas de educação. E através de um movimento para dentro de recepção por meio de outros canais de acção educacional ligados com o mundo, incrementa a sua potência com os novos recursos para a exploração e produção do conhecimento. Em oposição a essa direcção, um movimento para fora leva-a para as extremidades, fragmentando-a e espalhando-a em partes e

disseminando a sua função para outros locais, como ramificações. Neste processo de ir para os seus extremos e vir para o centro, a escola pode apresentar-se como um corpo vivo, pulsando, oxigenando-se com o contacto gerado fora do seu meio.

As «infovias» caracterizam-se como um veículo de acesso democrático a qualquer tipo de informação. Toda a diversidade de conhecimentos de vários lugares do mundo podem ser procurados pela escola fora dela, conversando com pessoas, empresas, outras escolas, enfim, com a sociedade, sofrendo as interferências advindas do romper dos muros.

As informações e os conhecimentos apresentam-se em diversos formatos, o que enriquece as possibilidades de um aprender mais interactivo e com o jeito da sociedade e do indivíduo de hoje. Mas o aprendiz e o professor precisam estar preparados para ter condições favoráveis de domínio operacional e educacional, para aproveitar a navegação na via da informação, definindo o objecto da sua busca, assim como, saber onde procurar, como seleccionar e analisar se a informação é consistente e coerente, pois não há ainda um tipo adequado de filtro do que é veiculado por esse meio. Há uma certa banalização do conhecimento, clássicos e histórias mal elaboradas convivem no mesmo ambiente. Do usuário exige-se um olhar mais atento e crítico para não estar a consumir leitura vulgar por científica.

Questiona-se a competência da escola como informadora, e espera-se dela a preparação do indivíduo para lidar com esse mundo que se revela de várias formas. Os conteúdos e métodos são colocados em causa com relação a sua adequação aos tempos actuais.

Com os «media» eletrónicos não há um tempo para começar e um para acabar, pressupõe um aprender que não se restringe a um mínimo e máximo de idade, e nem a um limite de número de indivíduos. Viabilizam o acesso à quantidade intensificando o tempo. O poder de atingir muitos é útil e democratizante, porém pode provocar prejuízo ao nível da qualidade educacional.

O mundo invade a escola e a escola entra no mundo. A escola fica exposta ao público. Estas possibilidades de estar em contacto directo com outros lugares e outros espaços permitem a intensificação da interferência social e cultural. Intercâmbios com o outro ampliam o contacto com o exterior, com o diferente e com o desconhecido, modificando ambos. A abertura para a diversidade apresenta-se sem preconceitos, valorizando na sua capacidade de gerar cidadãos mais críticos e conscientes.

A comunicação via Internet entre alunos de regiões e culturas diferentes permite-lhes perceber que o mundo é maior e mais diversificado do aquele em que eles vivem. Não só lhes permite aprender sobre outros modos de viver, outras histórias, outros modos de pensar, mas também a contrapor a sua própria cultura, começar a conhecê-la, uma vez que eles vão ser estimulados a falar sobre ela, e a orgulhar-se ou não de suas tradições, criando-se uma base sólida para o crescimento de cidadãos críticos, conscientes, actantes e modificadores da sociedade (Cortelazzo, 1996). Aprende-se a navegar sem fronteiras, uma metáfora para o pensamento que não encontra limites para viajar noutros territórios e divagar noutras circunstâncias. As ramificações da escola configuram-na de outro modo. O processo ordenado e disciplinar instituído à escola no seu início, abre-se para um outro, indisciplinar e caótico, gerando uma abertura para a sua renovação e contextualização na sociedade e na vida. Uma reconstrução considerando o contexto

temporal, espacial e social. Mais que isto, interrogar a escola na sociedade e no tempo implica vê-la no imbricamento do tempo e do espaço, no movimento perene, na construção e na «des-construção» ...para «re-construir». Significa reconhecer a diversidade desse estar no mundo e conseguir captar nos rastros do seu fazer-se, a unidade dessa diversidade (Espósito, 1995).

## SUBJECTIVIDADE E INDIVIDUALIDADE

O mundo pode ser lido e vivido de diversos modos e cada qual tem a sua riqueza no universo que lhe é peculiar e singular. Cada pessoa tem a sua identidade apresentando-a como essência de seu modo de ser, agir, pensar e sonhar. Actualmente há uma sensibilização do global e uma supressão do que é secreto, e talvez o perigo do desenrolar de uma perda de identidade cultural (Ramos, 1997). A intervenção na subjectividade apresenta-se como um processo de desestabilização desenrolando-se através da interacção do indivíduo com a rede complexa de universos em que se insere. A ameaça vinda por esse turbilhão de micro e macro universos invasores da privacidade, fazem a subjectividade sofrer as tensões do fora com o dentro do indivíduo, desenhando outras subjectividades em cada momento. As misturas geram uma intensificação da pulverização da identidade e por outro lado, a globalização cria modelos que são disseminados para serem consumidos no mercado. Identidades locais fixas desaparecem para dar lugar a identidades globais flexíveis, que mudam ao sabor dos movimentos do mercado e com igual velocidade (Rolnik, 1997). Assim, surge um conflito no indivíduo entre o alienar e manter-se à margem, o que acontece mantendo a fixação de sua referência identitária ou então a desestabilização exagerada produzida pelas numerosas forças de fora. O indivíduo sente-se ameaçado de despersonalização e perdido num vazio de subjectividade. Ao embrenhar-se no processo de mover-se ao sabor dos acontecimentos e mudanças, gera um caos psíquico dificilmente suportado pelo indivíduo.

Tanto a situação de fixidez de identidade como a tentativa da sua globalização fracassam na manutenção de uma subjectividade saudável. O fruir da riqueza da actualidade depende do facto das subjectividades enfrentarem os vazios de sentido provocados pelas dissoluções das figuras em que se reconhecem a cada momento. Só assim poderão investir a rica densidade de universos que as povoam, de modo a pensar o impensável e inventar possibilidades de vida (Rolnik, 1997).

Uma acção voluntária e consciente do indivíduo dependerá da reflexão que fará sobre si, sobre os outros universos e as relações que estabelece com estes, aprendendo a lidar com a avalanche pelo qual se sente ameaçado. Atento às forças internas e externas que se mobilizam no conflito, criando formas de viver a multiplicidade de universos que emergem da sociedade.

## A FORMAÇÃO DO PROFESSOR PERANTE AS INFLUÊNCIAS EXTERNAS E INTERNAS

O pensar sobre o professor e a sua formação necessita considerar todo o volume de modificações que se transfiguram na sociedade e como ele se pode apropriar delas sem perder sua identidade enquanto educador. Refletir sobre a formação do professor na efervescência actual e no que se prevê continuar a ser. A formação pode ser expressa como um processo virtual que se actualiza à medida em que ocorre, coerente com o lugar e o tempo, atenta às mudanças nos diversos âmbitos da sociedade, apropriando-se delas. Colocando a formação em constante reformulação e construção, gerada no conflito entre velho e novo, o instituído e o instituinte.

A concepção da formação do professor não é delimitada pelo espaço físico da escola, mas conquista outros locais de acção directa, como os veiculados pelas tecnologias e «media» eletrónicos, implicando possíveis usos na acção educativa, analisando essas ferramentas e seus usos, para intervir através de uma reflexão teórica e prática da sua adequação e riqueza para o processo de formação educacional.

Levar o professor a depurar a sua leitura e o seu olhar no reconhecimento dos modelos de aprendizagens subjacentes à sua prática, assim como nos recursos tecnológicos em uso. Na exploração dos computadores como recursos de aprendizagem, observar nos softwares as concepções pedagógicas que carregam. Ao perceber e reconhecer ele pode refazer e reconstruir uma nova abordagem, inventando outros ambientes de aprendizagem actualizados com as modificações sociais e culturais.

A formação do professor deve abarcar as novas ferramentas e os novos locais que emergem como possíveis de exploração do conhecimento e na nova configuração de escola. Isso implica numa preparação do indivíduo com e para os recursos tecnológicos disponíveis, não só o instrumentalizando, mas fazendo com que se aproprie do processo de utilização: o pensar sobre o recurso e o pensar sobre o que fazer com ele, explorando o melhor que cada um pode oferecer e criando ambientes propícios para o aprender. Mas isso não é possível quando a imersão do indivíduo é só no fora de si, mas quando também abarca o dentro de si.

Dar-se conta dos conflitos e intensidades que permeiam o seu pensamento e o seu agir, que influenciam a sua acção pedagógica. Conhecer seus próprios limites e encontrar o passo equivalente, a sua possibilidade de caminhar na direcção da sua transformação e a que pode propiciar ao outro. Viabilizar através da reflexão teórica um melhor entendimento e depuração da própria prática, para que o educador a possa reconstruir, implicando um aprofundamento que possibilite a tomada de consciência do seu pensar e agir na educação. Apropriar-se da sua acção de uma maneira mais integrada, navegando no seu mundo interior para descobrir melhor o exterior. A elaboração de um conhecimento externo pressupõe um conhecimento interno. E não se trata apenas de conhecimento, mas também de compreensão, acordo entre os próprios meios e fins, o que implica a possibilidade de exercitar um certo domínio sobre as próprias inclinações e acções, a fim de que elas nos controlem e dirijam, mas não nos coíbam ou sufoquem.

O educador precisa saber lidar com as diferenças que existem no outro, observando-os fora de si, e também dar-se conta do diverso que existe e pode coexistir em si. Dando espaço para que o diverso no pensar e no ser transborde, escapando do comportamento linear e esperado, vivendo com e a partir do diferente que existe no seu próprio ser. O adormecido pode aflorar e o indivíduo experimentar-se diferente diante de um mesmo objecto ou de uma mesma situação, propiciando a mudança. Assim, possibilita-se uma verdadeira transformação que deixa de ser só discurso para ser também acção. A mudança efectiva na formação do professor implica em evidenciar o diferente no outro e em si próprio e refletir sobre eles, gerando modificações no meio educacional.

A formação precisa considerar a necessidade de preparar um indivíduo que saiba lidar com a instabilidade, pois não é viável usar a mesma prática para as novas situações. O lidar com o novo, diferente e o movimento, exige uma acção reflexiva que questiona o estabelecido, reformula o problema, construindo e testando novas abordagens (Wolcott, 1995). Essa reflexão não acontece só e nem se esgota na formação, mas estende-se na prática profissional como uma necessidade contínua de conhecimento, não se fazendo na solidão, mas na parceria e troca com teóricos, colegas e alunos. Desenvolver a reflexão da acção e na acção, por outras palavras, um olhar analítico sobre a acção, antes, durante e depois.

Gallo (1996) acredita na «Filosofia da Educação» como um «instrumento reflexivo» para o professor se armar de condições e auxiliá-lo a reflectir a sua prática pedagógica, sem a qual ficaria empobrecida e desqualificada. Observar as dificuldades que o professor enfrenta, instigado-o a olhar para dentro de si para não se deixar levar pela pressão de fora ou aceitando a imposição de um modismo, sabendo reflectir e agir em cada momento de acordo com a sua singularidade. Neste caso, globalizar não significa pulverizar e nem homogeneizar, mas aproximar o contacto com as diferenças para que delas possam surgir novas diversidades que atendam às necessidades e singularidades do indivíduo. Sem negar a realidade e enclausurar-se num mundo a parte, como resistência às mudanças e transformações, e nem se submetendo totalmente a elas.

Mais que formação e menos que conformação, é necessário criar um espaço de discussão e investigação das questões educacionais experimentadas na prática, abrindo um canal de diálogo com as dificuldades de ser professor num contexto social em veloz transformação.

## BIBLIOGRAFIA

- BRYAN, N. A. P. (1996): «Desafios educacionais da presente mutação tecnológica e organizacional para a formação de professores do ensino tecnológico», in: *Formação do Educador*, vol. 3. São Paulo, UNESP.
- CORTELAZZO, I. B. C. (1996): «Utilização pedagógica das redes eletrônicas», in: *Formação do Educador*, vol. 3. São Paulo, UNESP.
- ESPÓSITO, V. H. C. (1995): «O que é isto, a escola?», in: *A escola e seus alunos*. São Paulo, UNESP.
- GALLO, S. (1996): «A filosofia e a formação do educador: os desafios da modernidade», in: *Formação do Educador*, vol. 3. São Paulo, UNESP.

LÉVY, P. (1996): «O que é virtual?», in: *Editora 34*, São Paulo.

RAMOS, R. Y. (1997): *Hacia una educación global desde la transversalidad*. Madrid, Anaya.

ROLNIK, S. (1997b): «Uma insólita viagem à subjetividade -fronteiras com a ética e a cultura», in: *Papirus*, São Paulo.

WOLCOTT, L. L. (1995): «The distance teacher as reflective practitioner», in: *Educational Technology*, pp. 39-43, Nova York.

**Contactar**

**Revista Iberoamericana de Educación**

**Principal OEI**